

PARÓDIAS À CIÊNCIA: IRONIAS MACHADIANAS

Josias V. de Paula Jr.
Wilma Rejane de Almeida

Na segunda metade do séc. XIX, o Brasil é sacudido pelos ideais cientificistas que o Ocidente respirava. Idéias como evolução, determinismos (meio e raça), crença inabalável na ciência, no progresso (republicanismo, laicização do Estado, etc.), vinham se constituindo como a nova *forma mentis* no Brasil. Machado se posicionou de forma não entusiasta e observava com cepticismo a adoção dessas doutrinas por seus contemporâneos. Não acreditava que esse ideário pudesse se constituir como fonte de transformação benéfica para a vida nacional. Pretendemos questionar em que medida a atitude cética de Machado frente a essa temática esteve presente no tratamento literário que ele dispensou a mesma em obras como “O Alienista”, *Quincas Borba* e crônicas publicadas pela revista *Gazeta de Notícias*.

O presente ensaio pretende refletir sobre o tratamento literário que Machado de Assis dispensou ao ideário científico de sua época. Procuraremos mostrar como Machado possuía uma visão particular frente aos intelectuais de seu tempo, caracterizada pelo ceticismo e desconfiança ante as idéias proeminentes então, tais como: evolução, determinismo, progresso, etc.

O ensaio se constituirá de duas partes; a primeira aborda dados biográficos de Machado de Assis, traça o cenário intelectual e cultural de sua época, assim como avança as posturas de Machado frente às questões por nós aqui problematizadas — a divulgação e aceitação passiva das novas idéias científicas de então; a segunda parte enfocará o trato propriamente literário que Machado dedicou à temática.

Machado e seu Tempo

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, na Quinta do Livramento, Rio de Janeiro. Seus pais foram Fran-

cisco José de Assis, pintor mulato, e Maria Leopodina Machado, portuguesa da Ilha de São Miguel e lavadeira. Ambos agregados de D. Maria José de Medonça Barroso, viúva de Bento Barroso Pereira, brigadeiro e senador do Império. Os avós de Machado de Assis foram os pardos forros Francisco de Assis e Ebenácea Maria Rosa. Machado viveu sua infância no Morro do Livramento e muito cedo perdeu sua mãe e irmã. Ficou então aos cuidados da madrasta e lavadeira Maria Inês. Há pouca informação sobre a infância de Machado; o que ainda podemos acrescentar a essa breve cronologia da vida do escritor é que ele aprendeu as primeiras letras numa escola de São Cristóvão e publicou seu primeiro trabalho – uma poesia intitulada “Ela”, na *Marmota Fluminense*, no ano de 1855 (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.67-94).

Nas décadas de 1880 e 1890, Machado de Assis já havia chegado ao auge de sua carreira literária; em 1880, ele publicou pela *Revista Brasileira* o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado pela crítica como o marco para a sua fase madura. Depois dele, por exemplo, vieram as obras *Quincas Borba* (romance de 1891), e o “O Alienista” (conto de 1882), e o seu mais célebre livro — *Dom Casmurro* (romance de 1899); e tantas outras obras de prestígio que têm desafiado a sua crítica, pois ainda hoje é difícil enquadrá-lo e defini-lo segundo os critérios das escolas literárias.

No ano de 1897, quando tinha 58 anos e colhia os frutos de uma carreira bem sucedida, Machado foi nomeado presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada no ano anterior. Mas as honras conferidas a Machado de Assis não ficaram restritas apenas aos limites da literatura; em 1888, ele foi nomeado Oficial da Ordem da Rosa, depois com a chegada da nova musa – a República – assumiu a Diretoria do Comércio e, no ano de 1892, chegou a ser Diretor-geral da Viação. Então, um mestiço epiléptico, gago e de origem modesta, conseguiu, para espanto de uma geração marcada pela ciência positiva, pelos determinismos de raça, meio e comportamento, usufruir títulos e posições de prestígio conferidos aos “homens de bens” de seu tempo (PASSOS, 1996, p.1-29).

No final do século XIX, o escritor Machado de Assis oferecia à sociedade de seu tempo uma obra que se diferencia das demais obras de sua geração. Destacou-se principalmente pelo modo como tratou artisticamente o material disponível — a sociedade fluminense do seu tempo. Sociedade que assistia a um Brasil em transformação. No campo econômico,

víamos a partir da extinção do tráfico, em 1850, o declínio da economia açucareira; no plano político assistia-se às reivindicações e anseios de grupos antes marginalizados pelo antigo regime — as classes médias urbanas, e a efervescência das idéias abolicionistas, republicanas e liberais (BOSI, 1994, p.163). Assim como ao início de uma modernização incipiente... estradas de ferro, bibliotecas, construções de avenidas e chafarizes, expulsão dos camelôs da Rua Primeiro de Março – expulsão esta que se balizara pelas novas idéias da medicina social, ramo da ciência que se incumbiu de organizar o cotidiano, a fim de se alcançar as promessas da modernização.

Desde cedo, Machado questionou o que parecia inabalável naqueles tempos, a saber: as doutrinas científicas e com ele todas as promessas de progresso político e tecnológico que viriam com o mais novo sistema de governo — a República. Enquanto um determinado grupo desejou ardentemente as mudanças que as teorias progressistas (darwinismo social, positivismo filosófico e outras) poderiam produzir na sociedade — a geração de 1870 (que teve como um dos esteios a Escola do Recife), Machado se posicionou de forma cética quanto a elas. (SCHWARZ, 2000, p.11-31-a).

Aqui no Brasil, como é sabido, as doutrinas científicas e as idéias liberais encontraram como entrave a tradição cultural cujas raízes são marcadas pelo passado escravocrata e pelas relações clientelistas, razão pela qual aquelas doutrinas sofreram adaptações as mais variadas, no sentido de uma adequação, nem sempre convincente, ao quadro sociopolítico e econômico brasileiro. E, como era de se esperar, essas idéias repercutiram não só nos meios político e econômico, mas também nas artes, mais especificamente, no campo da literatura. No âmbito literário, foi a escola naturalista, com sua pretensão de fundar o cânone estético sob a égide da ciência, que propagou “o mais novo, o mais vasto e o mais seguro espírito geral de crítica contemporânea” (Palavras de Sílvio Romero).

Um escritor como Aluísio Azevedo, representante máximo do naturalismo brasileiro, compunha seus romances de modo a comprovar e ilustrar a eficácia de idéias como o darwinismo social, positivismo filosófico, determinismo do meio, etc., para explicar a realidade; a intenção era explicitar as imbricações entre meio, raça, comportamento e conformação psicológica. O recurso literário utilizado era o estudo de tipos – concebidos como agentes modelares no contexto brasileiro, tais como: o mulato, o comerciante português, o negro.

Da mesma forma como as idéias do liberalismo entravam em contradição com as relações escravocratas, as teorias defendidas pelo naturalismo, a exemplo da inferioridade racial do mestiço, gerava uma grande tensão em sua assimilação, tendo como referência a formação histórica do povo brasileiro. Essa contradição não parece ter sido plenamente percebida pelos escritores e intelectuais adeptos da estética naturalista. Machado vislumbrou que, a despeito do desejo de melhorar a realidade nacional e fazer com que o país alcançasse o grau de evolução das nações civilizadas européias, as doutrinas científicas abraçadas não encontrariam solo fértil para brotar, dado que negava a realidade que queria explicar, não servindo como interpretação adequada (SCHWARZ, 2000 a e b).

Críticos como Schwarz, Gledson, cada um a seu modo, refletem também sobre a contradição inerente que havia entre a sociedade brasileira e as idéias (liberdade, igualdade e fraternidade) do liberalismo europeu. Entre nós esse corpo de doutrinas muitas vezes encobriu quando queria revelar práticas de dependência que impregnavam as mais diferentes atividades, como: a política, o comércio, a Corte, a vida urbana, a vida artística etc. Não havia entre nós um só espaço de convivência que não tivesse se deixado levar pelo sentimento de progresso inevitável e pelo ideário científico da época que, segundo os entusiastas, iria racionalizar a velha cidade, o país, num piscar de olhos.

Pertencendo a uma tradição liberal monárquica, Machado não só duvidou dos avanços previstos para o organismo social brasileiro que o progresso da ciência e do comércio do século XIX diziam trazer consigo (GLEDSON, 1996, p.11-35), como também ironizou a ingenuidade de certos escritores que se deixaram levar por um momento de euforia e de crença inabalável no futuro do país. Todos os que faziam do ideal político, o ideal estético, e sucumbiram aos encantos do ideário científico difundido no país, sobretudo pela “geração de 1870” (Tobias Barreto, Sílvio Romero, etc.), perderam, segundo Machado, o senso de realidade. Transpuseram para o texto literário um corpo de doutrinas que acabavam gerando mundos inverossímeis e desinteressantes. Em seu ensaio *A Nova Geração* artigo publicado pela *Revista Brasileira* em 1878, o escritor nos diz:

[...] ocorreu uma circunstância grave, o desenvolvimento das ciências modernas, que despovoaram o céu dos rapazes, que

lhe deram diferentes noções das coisas, e um sentimento que de nenhuma maneira podia ser o da geração que os precedeu. Os naturalistas, refazendo a história das coisas, vinham chamar para o mundo externo todas as atenções de uma juventude [...] parece que um dos caracteres da nova direção intelectual terá de ser um otimismo, não só tranqüilo, mas triunfante... (1997: 810).

Não falta quem conjugue o ideal poético e o ideal político, e faça de ambos um só intuito, a saber, a nova musa terá de cantar o Estado republicano. Não é isto, porém, uma definição, nem implica um corpo de doutrina literária. [...] (1997: 811).

[...] *em todas as escolas se morre.*

A acusação de que Machado de Assis não se envolvia com as questões de seu tempo nem possuía preocupações nacionais, acusações estas presentes em críticos como Sílvio Romero (ROMERO, 1992) e Mário de Andrade (ANDRADE, 1990, p.15-39), não podem ser mais sustentadas. Com diferentes argumentos, a crítica recente (MURICY, 1988; GLEDSON, 1996; BOSI, 1999) tem se empenhado em provar que na verdade Machado não se esquivou dos problemas e debates de sua época. É rica a quantidade de reflexões sobre os mais variados temas contemporâneos que encontramos nos diversos gêneros literários a que se dedicou: crônica, conto e romance.

A dúvida, o ceticismo, a ironia, eram atitudes próprias de Machado de Assis perante a vida (MURICY, 1988 e MONTELLO, 1998) e marcavam profundamente suas análises existenciais. Para nós, antes de dizer que Machado estava alheio ao seu contexto, é preferível afirmar que o mesmo era antes de tudo um antidogmático, não se deixando aferrar a posições radicais.

No tocante aos embates intelectuais sobre as novas idéias científicas, Machado não poderia agir diferente. Quanto à pretensão de verdade do pensamento científico, o qual se arvorava em anunciar verdades eternas, descoberta de leis imutáveis da natureza e da sociedade, Machado respondeu com ironia e, qual Capitu, com um riso no canto do lado esquerdo da boca. Um exemplo magnífico nos é dado na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Machado, por intermédio de Quincas Borba, um amigo de Brás Cubas, satiriza com muita argúcia as grandes teorias do século. Escutemos como nos fala Quincas:

É singularmente espantoso este meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe Humanitismo, de Humanitas, princípio das cousas... e se alguma cousa há que possa fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto enfim de haver apanhando a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão essas duas esquivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.599 - grifamos).

Uma teoria capaz de garantir por si mesma a completa felicidade humana e suprimir a dor! Machado não dá trégua a ilusões desse tipo. Não esqueçamos, contudo, que um epilético e mulato como ele tinha boas razões para desconfiar da ciência de seu tempo.

No romance *Quincas Borba*, encontramos o protagonista-título do livro preocupado em transmitir o Humanitismo para Rubião, exemplificando-o com a morte de sua avó. Para ele, a avó morrera atropelada por uma das bestas da sege para dar início a um movimento de conservação — “Humanitas tinha fome”. Machado com isso se contrapõe ao princípio primeiro do darwinismo, a saber, que a morte de indivíduos mais fracos se justificaria pela continuação da espécie.

[...] O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derrubou-o; esse obstáculo era minha avó. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.647).

Exemplos desse mesmo tratamento irônico frente à ciência encontramos com recorrência em outros textos de Machado. A crítica desferida atinge ora o dogmatismo, ora a desumanização tanto do ideário, como do cientista. Em *Conto Alexandrino*, no intuito de comprovar sua tese segundo a qual as virtudes e os vícios humanos estavam contidos nos animais (no rato, a astúcia da gatunagem; a paciência, no boi, etc.), Stroibus e seu amigo Pítias concordam em se submeter às experiências, mesmo que estas significassem a degradação de sua condição de ser humano. Por “amor à verdade e à ciência”, ambos bebem metodicamente sangue de ratos, onde residiria o germe da ladroagem. E é justamente por sua vinculação aos valores maiores da ciência, que lhes dava um caráter indis-

cutível, uma idoneidade moral, que a confirmação da experiência resultaria irrefutável. Se em pessoas tão virtuosas como eles o teste fosse positivo, em ninguém mais poderia falhar:

Enfim, venceu Stroibus! A experiência provou a doutrina. E Pítias foi o primeiro que deu mostras da realidade do efeito, atribuindo-se umas três idéias ouvidas ao próprio Stroibus; este, em compensação, furtou-lhe quatro comparações e uma teoria dos ventos. Nada mais científico do que essas estréias. As idéias alheias, por isso mesmo que não foram compradas na esquina, trazem um certo ar comum; e é muito natural começar por elas antes de passar aos livros emprestados, às galinhas, aos papéis falsos, às províncias, etc. (MACHADO DE ASSIS, 1998, p.35).

Em *A Razão Cética*, Kátia Muricy (op. cit.) nos mostra que o médico e o psiquiatra, substituindo a igreja e a família patriarcal, passaram a ocupar, ao menos desde os meados do Oitocentos, o papel de organizadores da vida social, ensinando às pessoas como deviam se comportar, que costumes ter, etc. A medicina social instava por ser o veículo legítimo de racionalização e normalização do espaço urbano. Portanto, não é à toa que personagens médicos tinham um lugar proeminente nos romances naturalistas, pois é através deles que as teorias da época eram difundidas.

Assim, também não é por acaso que Machado parodia a medicina e dela galhofa. São ilustrações dessa sua vertente os contos *Médico é Remédio*, *O Enfermeiro* e o mais conhecido deles *O Alienista*.

O Alienista se constitui no exemplo mais pungente da ironia e desconfiança de Machado frente ao cientificismo de seu século. Nele se condensam a crítica à desumanização do cientista — o qual se coloca acima dos “sentimentos vulgares” e norteia todas as suas escolhas sob o crivo da objetividade científica, não se furtando, inclusive, a ser vítima de sua própria teoria na tentativa de prová-la, a crítica à tentativa de estabelecer as fronteiras definitivas entre razão e loucura — procurando-a agora em o que até pouco tempo eram consideradas “pessoas normais”; assim como ao *status* de infalibilidade conferido à ciência.

Em *O Alienista*, Simão Bacamarte, personagem central do conto, é um psiquiatra renomado que resolve se dedicar ao estudo da patologia cerebral, fundando um hospício: *A Casa Verde* — local de onde efetua

suas observações incansáveis. A todo momento, Machado tenta caracterizá-lo como um indivíduo presunçoso, insensível e de atitudes extremadas, submetido aos “desígnios da ciência”. Começamos exemplificando pelo modo como Simão Bacamarte escolhe sua esposa:

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita e nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas – únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não correria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.” (MACHADO DE ASSIS, 1998, p. 274)

Outro exemplo lapidar da ironia machadiana é encontrado no final que é reservado a Simão Bacamarte. Em suas tentativas de alcançar uma definição rigorosa da loucura, e após várias hipóteses testadas e frustradas, nas quais a loucura é imputada aos mais distintos indivíduos e por motivos diferentes, Bacamarte finda por concluir que ele, apenas ele, era louco.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos, nem sugestões, nem lágrimas o detiveram um só instante.

— A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

— Simão! Simão! Meu amor! Dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas. (MACHADO DE ASSIS, 1998, p.326-327).

No entanto, é preciso não perder de vista que o objetivo de Machado não era negar a ciência em si, nem desconhecer-lhe o mérito; mas podar-lhe os exageros, sua pretensão de universalidade e exclusividade e sua intenção de controlar as relações sociais. Fazer ver que a mesma não

podia ser alçada ao posto de novo messias, redentora dos males humanos, instauradora do paraíso terrestre.

Parece-nos que a coerência com o antidogmatismo, do qual o próprio Machado poderia afastar-se, incorrendo ele mesmo em uma posição dogmática, se nos apresenta por exemplo numa passagem do romance *Dom Casmurro*. Neste, o personagem José Dias transcorre toda a narrativa defendendo a homeopatia como superior à alopatia, quando curiosamente, em presença da morte, prefere a assistência de um alopata – deixando entrever a blague machadiana contra aqueles que postulassem uma postura radicalmente contrária à ciência. Narra Bentinho:

A doença foi rápida. Mandeí chamar um médico homeopata. — Não, Bentinho, disse ele; bastava um alopata; **em todas as escolas se morre**. Demais, foram idéias da mocidade, que o tempo levou; converto-me a fé dos meus pais. A alopatia é o catolicismo da medicina. (Machado de Assis, 1997, p.943-grifos nossos).

Por fim, vale assinalar a defesa que Machado faz de um curandeiro, ameaçado de prisão, em uma de suas crônicas em *A Semana* de 11 de dezembro de 1892. Um dos textos em que mais se ressalta a abertura de espírito de Machado e a profunda peculiaridade e singularidade de seu relativismo cético:

Eu, quanto à política daquela região [Rio Grande do Sul], sei unicamente um ponto, é que quanto a Constituição política do Estado admite o livre exercício da medicina. Conquanto ser lei somente no Estado, não faltará quem deseje vê-la aplicada, quando menos ao distrito federal; eu, por exemplo, neste caso, entendo que não se pode cumprir a notícia dada pelo tempo de hoje, a saber, vai ser preso um curandeiro conhecidíssimo, do qual é vítima uma pessoa de posição e popular entre nós.

Não há curandeiros. O direito de curar é equivalente ao direito de pensar e de falar. Se eu posso extirpar do espírito de um homem, certo erro ou absurdo, moral ou científico, por que não lhe posso limpar o corpo e o sangue das corrupções? A eventualidade da morte não impede a liberdade do exercício... Não há curandeiros, há médicos sem medicina, que é outra coisa (GLEDSON, 1990, p.165).

Bibliografia consultada

ALONSO, Angela. “Crítica e Contestação”: o movimento reformista da geração de 1870. Vol 15. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Ano Out. 2000. n 44. p. 35-55, 2000.

ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade Hoje*. Eduardo Berriel (Org). vol 4. São Paulo: Ensaio, 1990.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Moderna, 1993.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 36ª ed. São Paulo, 2ª ed. Cultrix, 1994.

_____. *Machado de Assis O Enigma do Olhar*. Séries Temas. vol 69. Estudos Literários. São Paulo: Ática, 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GLEDSON, John. *Machado de Assis Impostura e Realismo: uma interpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: CIA das Letras, 1991.

_____. Introdução e Notas. In: Machado de Assis – *A Semana: Crônicas (1892-1893)*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Introdução e Notas. In: Machado de Assis – *Bons Dias: Crônicas (1888-1889)*. São Paulo: Unicamp, 1990.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crítica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

_____. *Obra Completa*. 3 vols. (Org.), Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. *Contos: uma Antologia Machado de Assis*. 2 vols. Seleção, Introdução e Notas John Gledson. São Paulo: CIA das Letras, 1998.

MONTELLO, Josué. *Os Inimigos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MURICY, Kátia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

PASSOS, José Luiz. “Crítica Engajada e texto Engasgado: Machado de Assis e Sílvio Romero na Autonomização do Campo Literário Brasileiro”. In: CHASQUI *Revista de Literatura Latinoamericana*. Mimeo. p. 1-29, 1996.

QUEIRÓS, EÇA. *O Crime do Padre Amaro: Cenas da Vida Devota*. Lisboa: Livros do Brasil.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*, 3rd ed. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1992.

_____. *Introdução a Doutrina contra Doutrina*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Cia. das Letras. p. 7-43, 1997.

_____. *Ao Vencedor as Batatas*. 5ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000 a.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, (2000 b).

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. 1-32; 381-402, 1997.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura Brasileira*. 1ª série. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. Ed. Universidade de São Paulo. p.61-73, 1976.

Este livro foi composto na fonte Times New Roman, com miolo sobre papel Off-set 75g, capa em papel Triplex 250 g/m², pela Gráfica Santa Marta, em João Pessoa-PB, para a Editora Massagana.